ordem de 86 milhões de t. Isto conduziria os estoques mundiais a um nível recorde, de aproximadamente 30 milhões de t, até o final de agosto deste ano. Sendo assim, a relação estoques/consumo atingiria 31,4%, nível bem acima do considerado normal (28%).

RAZÕES DO ADIAMENTO DO ACORDO INTERNACIONAL DO AÇÚCAR.

Este quadro estatístico, e preços ainda mais baixos do que os praticados hoje, conduziram à homologação do Acordo Internacional do Açúcar (AIA), previsto para vigorar a partir de 1º de janeiro de 1978. Entretanto, a entrada efetiva do acordo foi adiada para o segundo semestre, 1º de julho, na expectativa de se alcançar a adesão da Comunidade Econômica Européia (CEE), ou pelo menos, de se conseguir compatibilizar sua política de comercialização de açúcar com os objetivos do AIA.

O controle de preços pretendido pelos signatários do AIA será muito menos eficiente se nenhuma dessas duas possibilidades ocorrerem, porque este mecanismo dependerá em parte do tamanho da oferta da CEE, notadamente de açúcar refinado.

SOBRETAXA NORTE-AMERICANA.

Paralelamente a estes acontecimentos, os EUA, que haviam adotado uma sobretaxa variável de importação, tiveram que optar por outra alternativa, devido aos problemas de ordem alfandegária e à inexistência das cotações do preço *spot* na Bolsa de NY, sobre o qual a operacionalidade da sobretaxa se baseava.

Alternativamente, os EUA impuseram uma sobretaxa fixa ao açúcar importado (2,7 cents/lb-peso para o não-refinado e 3,22 cents/lb-peso para o refinado), valendo-se desta medida para proteger o produtor interno e restringir ainda mais as importações deste ano, cujas previsões se situarão entre 3,5 e 4 milhões de t. Para 1977, as importações foram da ordem de 6,1 milhões de t.

EXCEDENTES DE AÇÚCAR NO MERCADO NORTE-AMERICANO.

Esta medida protecionista norte-americana com relação ao quadro de superprodução mundial deverá aumentar os excedentes de açúcar no mercado internacional, além de incentivar a manutenção da área plantada em seu país para um produto que não consegue preço competitivo no mercado.

Portanto, diante deste panorama internacional, é prudente esperarmos com reserva o desenrolar de nossas exportações de açúcar neste ano.

SOJA

NOVAS ESTIMATIVAS DO USDA TÊM INFLUÊNCIA BAIXISTA.

O mês de janeiro teve, no comportamento das cotações do complexo soja na Bolsa de Chicago, o reflexo direto das informações sobre as safras dos EUA e do Brasil, países cuja participação conjunta na oferta mundial da leguminosa alcança quase 80%. Pelo lado norte-americano, as surpresas causadas pela divulgação de novas estimativas do USDA foram responsáveis por um enfraquecimento geral do mercado. Quando as ex-

pectativas eram de uma revisão da grande safra dos EUA, em que fossem corrigidas possíveis super-avaliações, a estimativa final da safra apresentou um número inesperado: 46,7 milhões de t, ou seja, uma safra 36% maior do que a anterior. Em meados de janeiro, a American Soybean Association calculara que a extensão da área de plantio da soja nos EUA atingiria, em 1978, 62 milhões de acres, caso o preço do grão se mantivesse em torno de US$ 5,75/bushel, até a época do plantio. Os resultados da pesquisa referente às primeiras intenções dos fazendeiros norte-americanos, porém, lhes atribuíram a propensão a ampliarem seus cultivos em 8% sobre os do ano anterior, superando os 63 milhões de acres. Isto reforçou a tendência baixista do mercado, endossada, a seguir, pela divulgação do cálculo dos estoques norte-americanos de soja em grãos em 1º/1/78, de 35,6 milhões de t. O fato de se chegar a este número significa que a média do desaparecimento (exportações mais esmagamento) da soja nos EUA, entre setembro e dezembro, alcançou 3,745 milhões de t/mês. Mesmo se admitindo a manutenção desta elevada taxa até agosto, os EUA teriam em 1º/1/78 um estoque remanescente de 5,6 milhões de t, o dobro do estoque *carry over* de 1º/9/77.

PROBLEMAS COM A SAFRA BRASILEIRA.

A força da demanda pelo farelo de soja no mercado internacional, associada a rumores sobre uma possível quebra na produção brasileira, apresentava-se como precário fator de sustentação das cotações numa faixa acima dos US$ 5,70/bushel, cuja horizontalidade parecia sugerir uma perspectiva de estabilidade naquele nível. Ao impacto das novas estatísticas norte-americanas somaram-se, porém, notícias sobre chuvas nas regiões produtoras brasileiras, contribuindo para a depressão das cotações. A recuperação da lavoura nacional de soja afetada pela estiagem é, contudo, incerta, pois ao lado do problema climático, que ainda persiste, ocorreu o fenômeno da floração precoce e o conseqüente aparecimento de vagem em plantas de pequeno porte. Desta forma, os acréscimos de área (6,1% no RS, 6,5% no PR e 7,2% na média nacional) poderão não ser suficientes para que se ultrapasse significativamente o volume de produção de 1977, devido à queda de produtividade.

FATORES QUE PODERÃO AFETAR A COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS.

A composição das exportações brasileiras do complexo soja deverá ser afetada por dois fatores divergentes: a) a abertura das exportações do complexo soja encontrou o farelo e o óleo menos beneficiados por incentivos à exportação do que em anos anteriores, o que favorece as exportações de grão; b) a elevada capacidade de esmagamento do parque moageiro brasileiro favorece a exportação dos derivados.

MAIOR PRESSÃO NA DEMANDA POR GRÃO.

O segundo fator é o responsável pela constante presença compradora das indústrias no mercado interno, adquirindo à vista, para entrega em três ou quatro meses. Tal pressão da demanda por grão gera apreeensões junto aos pequenos esmagadores, cuja menor liquidez e custos mais elevados não lhes permitirão maior participação na industrialização da soja. Em anos anteriores, tal participação foi, até certo ponto, facilitada pelos altos preços praticados no mercado externo, o que favoreceu uma complementação de ganhos aos pequenos industriais na intermediação especulativa do produto. Este ano, porém, poderemos vir a presenciar as primeiras ocorrências de sérias

dificuldades econômico-financeiras no ramo de processamento da soja.

Também colaboraram neste número os seguintes estagiários:

Irene Freire Raguenet
Sônia Uderman
Lauro Flávio Vieira de Faria
Rogério Carneiro Campello
Pedro Henrique Junqueira Reis
Jorge Batista Torres